

**Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro**  
**Estudo 6 - "Uma Terrível descrição"**  
**Amós 1 a 3**

**Elaborado por Ana Maria Suman Gomes**  
[anasuman@pibrj.org.br](mailto:anasuman@pibrj.org.br)

Nosso profeta de hoje chama-se Amós. O primeiro versículo do livro explica o motivo da sua pregação: "Palavras que Amós, criador de ovelhas em Tecoá, recebeu em visões, a respeito de Israel, dois anos antes do terremoto. Neste tempo, Uzias era rei de Judá e Jeroboão, filho de Jeoás, era rei de Israel." (Am 1,1-NVI).

Quem era Amós? Seu nome é abreviação de Amasias, cujo significado é: Iahweh carregou, Iahweh protegeu. Nasceu em Técuá, cidade que estava ao sul de Jerusalém, a 20km da capital de Judá. Provavelmente atuou em torno de 760 aC, sendo então um dos profetas do 8º século.

O texto que acabamos de ler diz que Amós falou dois anos antes do terremoto. Escavações realizadas na cidade israelita de Hazor evidenciaram a existência de um terremoto na primeira metade do 8º século aC, porque foram encontradas rachaduras nos muros dos fragmentos descobertos. Provavelmente foi a este terremoto que Amós se referiu.

É importante conhecer o que aconteceu no longo reinado de Jeroboão II, para compreendermos as denúncias de Amós. O governo durou aproximadamente 41 anos. Jeroboão II, que era da dinastia de Jeú, foi um rei bem sucedido. Se estudarmos os registros no 2º livro de Reis, capítulo 14, veremos que ele ampliou as fronteiras, vencendo algumas batalhas e ocupando territórios.

Por que a preocupação com a ampliação do território? Algumas razões são:

aumentar a arrecadação de tributos e estender o controle das rotas comerciais. Israel estava interessado em manter seu espaço no controle da via que interligava as terras entre os rios Tigre, Eufrates e Nilo. Com certeza muito dinheiro passava por aquele caminho. Amós, então, estava diante de um Estado forte, onde era visível a supremacia militar e percebidos os sucessos econômicos.<sup>1</sup>

Uma curiosidade: o texto de 2 Reis 14, 25 a 27 mostra Jonas, o profeta "fujão", objeto de futuros estudos ainda nesta série, aplaudindo os sucessos de Jeroboão II. Amós se coloca, então, na contra-mão da história quando se apresenta para denunciar os erros daquele período aparentemente tão feliz. Vale, então, uma pausa para desde agora passarmos a nos preocupar com o nosso conceito de governos bem-sucedidos. Quais devem ser as características de um bom governo?

Vistos os objetivos de Jeroboão e sua corte, passemos a conferir como aquele povo vivia. Com o aumento da tributação, era necessário obter mais recursos oriundos da agricultura. Os agricultores eram convocados a manter acelerado o ritmo de plantar, colher, tornar a plantar para poder colher ainda mais e isto para que houvesse mais produtos a serem colocados à venda e assim mais dinheiro para honrar a tributação. O mesmo valia para os que cuidavam dos rebanhos. Para alcançar o objetivo, o Estado se valia até da religião, promovendo festas religiosas onde mais produtos eram comercializados e também apresentados como parte do culto. Justamente por isto Amós também

se posiciona com relação às excessivas idas ao templo.

Os mais favorecidos aumentaram a pressão sobre a gente simples, que era pisada, aterrorizada e destruída. Para atender a poucos, muitos eram reduzidos à escravidão. Amós, inconformado, traz a mensagem de Deus, que certamente ouviu mais uma vez o clamor do seu povo. Esta é uma das grandes certezas que a Bíblia apregoa: Deus sempre ouve o clamor daquele que O ama e a Ele se dirige.

Nosso texto básico foi reduzido a dez versículos representativos do que se trata nos três primeiros capítulos de Amós. Estamos diante do capítulo 2, versículos de 6 a 16. Após haver apregoadado sobre o que aconteceria com os povos vizinhos, a saber, Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amom, Moabe e Judá, são agora apresentados os erros de Israel valendo-se da mesma fórmula enfática, do oráculo esquematizado por sentença-crime-castigo: "assim diz o Senhor: por três transgressões de Israel e ainda por quatro".

Pobre de quem pensa que pode se ocultar de Deus. Ao lermos os detalhes mencionados por Amós, nada é mais claro do que a precisão com que ele descreveu cada deslize e maldade contra o povo.

José Luís Sicre analisa o oráculo e enxerga, em Israel, sete crimes. Passamos a relacioná-los, seguidos da sua respectiva síntese: 1- vendem o justo por prata, desprezo ao devedor. 2- vendem o indigente por um par de sandálias - escravização por dívidas ridículas. 3 - esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos - humilhação/opressão dos pobres. 4 - tornam torto o caminho dos pobres: desprezo pelos humildes. 5 - um homem e

seu filho vão à mesma jovem - opressão dos fracos, aqui representados pelas empregadas/ escravas. 6 - se estendem sobre vestes penhoradas, ao lado de qualquer altar - falta de misericórdia nos empréstimos e 7- bebem vinho, na casa do seu Deus, daqueles que estão sujeitos a multas - mau uso dos impostos ou multas.<sup>ii</sup>

Quem praticava esses crimes? Nos versículos que estamos analisando, os acusados são os juizes de Israel, que atuavam nos processos julgados junto ao portão. Lembramos que, no portão, eram decididas as questões entre o povo. Para ter direito à justiça no portão, era necessário que o cidadão fosse livre, mesmo que empobrecido. Era na justiça realizada no portão que dívidas eram perdoadas ou cobradas, terras eram vendidas ou tomadas e assim por diante. Então, juizes ignoravam a justiça e desprezavam o pequeno. Compradores de escravos e senhores de escravas conseguiam sucesso diante do próprio povo que eles haviam empobrecido.

"Vendem por prata o justo, e por um par de sandálias o pobre. Pisam a cabeça dos necessitados como pisam o pó da terra, e negam justiça ao oprimido. Pai e filho possuem a mesma mulher e assim profanam o meu santo nome." (v. 6b e 7).

Também os sacerdotes são acusados: "inclinam-se diante de qualquer altar com roupas tomadas como penhor. No templo do seu Deus bebem vinho recebido como multa."(v.8) Por fim, o exército, composto pelo que luta a pé e é ágil, forte e valente (vv. 14 e 15), o arqueiro (v.15), o cavaleiro ou condutor de carro de combate (v.15) e o comandante (v.16) é informado de que sofrerá o castigo.<sup>iii</sup>

O exército, pago com a arrecadação dos tributos arrecadados pelo Estado, era composto por homens treinados e equipados para lutar e defender os interesses de Jeroboão II, mesmo que fossem em detrimento da justiça.<sup>iv</sup> Para eles, a palavra do Senhor foi incisiva: "até mesmo os guerreiros mais corajosos fugirão naquele dia", declara o Senhor. (2,16.)

Estas denúncias eram procedentes, porque Israel rompera a aliança feita com Deus, consoante Amós 2, 9-12. Deixar de lado os preceitos de Deus é permitir que a vida seja completamente arruinada. As profecias tratam deste tema à exaustão. Será que ainda hoje precisamos atentar para isto?

---

<sup>i</sup> Um dos trabalhos de referência para aprofundar este assunto é o de SCHWANTES, Milton. *Amós-Meditações e Estudos*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. 1987 p. 12ss.

<sup>ii</sup> SICRE, José Luíz. *A Justiça Social nos Profetas*. SP: Paulus. 1990 p. 129-147

<sup>iii</sup> Ver SCHWANTES, Milton *Profecia e Organização - Anotações à Luz de um Texto (Amós 2,6-16)*. Em Estudos Bíblicos 5. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal.

<sup>iv</sup> O tema do anúncio contra o exército pode ser melhor conhecido em REIMER, Haroldo. *Agentes e Mecanismos de Opressão e Exploração em Amós*. Em Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana 12. 1972 p.53ss.